

Economia

Em palestras a empresários e executivos, em São Paulo, Jeffrey Sachs e John Kenneth Galbraith defendem fórmulas diversas para o Brasil vencer a crise econômica. Para Sachs, só um plano duro e recessivo pode tirar o País da iminência da hiperinflação e preparar a volta ao crescimento. Galbraith sugere medidas heterodoxas, sem recessão. Ambos propõem novo enfoque para a dívida externa.

Economistas ilustres, idéias conflitantes.

Sachs: choque fiscal com reformulação do papel do Estado.

Galbraith: congelamento por tempo determinado e maior tributação.

O economista e professor de Harvard Jeffrey Sachs foi duplamente impiedoso com o Brasil ontem. Ao mesmo tempo em que fez duras críticas ao governo brasileiro, pregou uma receita amarga para salvar a debilitada economia do País. Para uma atenta platéia de cerca de 400 empresários, o assessor econômico de países como a Bolívia, Israel, Polônia e Argentina defendeu a adoção, pelo próximo governo, de um pacote de medidas recessivas. O pacote inclui um choque fiscal, com os aumentos de impostos e tarifas públicas, fim das isenções fiscais e subsídios ao setor industrial, redução dos salários nas estatais, unificação das taxas cambiais (o oficial com o paralelo) e a privatização das estatais, para que o setor público possa investir nas áreas sociais.

Sachs, que foi definido pelo jornal *New York Times* como o Indiana Jones da economia, criticou duramente o ministro da Fazenda, Máílson da Nóbrega, que “tentou pagar uma dívida que não é pagável”. Não poupou também o presidente Sarney que, se-



O “Indiana Jones” da economia

gundo ele, “não está disposto e nem tem respaldo para medidas mais drásticas na economia”.

O economista mudou de postura em relação à renegociação da dívida externa brasileira. Há poucos meses ele era contra o Plano Brady de redução da dívida dos países do Terceiro Mundo; agora ele até defende a sua aplicação ao Brasil, embora nem chegue a considerá-lo um plano, mas uma idéia válida. “É preciso acabar com essa folia de que a dívida é o principal problema do País. Ela é

apenas parte desse problema e o Brasil tem que se dar conta de que não pode pagar mais o serviço como estão a exigir. É preciso que o próximo governo chame os negociadores e garanta os créditos do Japão, do FMI e do Banco Mundial, e não perca esses créditos só para pagar juros”.

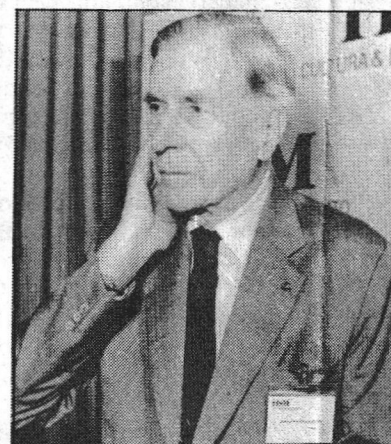
Ele sustentou que o plano global de renegociação da dívida deve prever o pagamento de apenas 40% de seu montante. “Vocês não podem se dar ao luxo de pagar mais da metade da dívida, mesmo a longo prazo.”

O ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, que participou do debate sobre o Brasil e a América Latina no Centro Empresarial, ao lado de Sachs e John Keneth Galbraith, considerou perfeita a fórmula apresentada por Jeffrey Sachs. Mas Bresser é pessimista quanto à sua aplicação no Brasil pois a principal dificuldade não está só na resistência dos empresários (como afirma Sachs), mas também do Congresso e do governo, que não está disposto a cumprir ajustes tão recessivos.

Congelamento temporário de preços e salários, um drástico corte no valor nominal do dinheiro e a adoção de uma postura mais firme em relação à dívida externa. Tudo isso associado a medidas igualmente duras no âmbito do setor público — corte de gastos, inclusive os militares, privatizações, enxugamento da burocracia estatal — e a mudanças na tributação pode resolver a complexa questão da inflação brasileira, sem a necessidade de recessão ou de calote na vida interna.

Este receituário — recomendado ontem pelo economista americano John Kenneth Galbraith, no Centro Empresarial de São Paulo — foi insuficiente para seduzir inteiramente a seleta platéia de empresários e executivos. Ao começar o debate, cadeiras vazias aqui e ali contrastavam flagrantemente com a fila de espera e o auditório lotado do início da palestra.

Galbraith, professor da Universidade de Harvard e considerado o *czar* dos preços nos Estados Unidos durante a 2ª Guer-



O “czar” dos preços

ra, parte do princípio de que as inflações latino-americanas resultam basicamente do desequilíbrio entre oferta e demanda, que as leis de mercado sozinhas são incapazes de solucionar. Na opinião do economista, cabe ao governo intervir.

No caso da dívida externa, se o Brasil negociá-la em bloco com outros devedores e deixar os bancos credores à margem do processo, aumentará sua poupança interna e poderá investir mais.

“Não sou a favor do calote. Mas os bancos já fizeram suas reservas contra ele”, ponderou. E não haverá represálias porque, garantiu, a memória financeira é curta: em cinco anos, os investimentos estrangeiros voltarão ao País.

Em relação à austeridade fiscal, Galbraith não tem dúvidas de que os ricos devem pagar por ela. O economista receitou, por exemplo, um imposto de renda progressivo e a taxa de grandes fortunas, mas é contra a tributação na venda de alimentos. O programa de ajustes econômicos, contudo, é tarefa para o próximo governo, que deve conquistar o apoio popular às terapias necessárias.

De qualquer forma, Galbraith tem convicções firmes sobre o Brasil. Acredita, por exemplo, que o período até as eleições não será muito feliz, mas o País se tornará uma das principais economias do mundo nos próximos dez anos. Mais que isso, só uma certeza pagã: não adianta rezar. “Se Deus e os santos resolvessem, todos os países católicos já teriam debelado a inflação.”